

A Ortiga.

Sou herba bem conhecida,
Nas folhas trago a peçonha
Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 23, e na praça da Constituição n. 44 e 64, escriptorio da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

Temos o praser de annunciar a nossos leitores, que hum novo e respeitavel callaborador se nos reunio, e promette, como se vê do seo prospecto abaixo, expender sempre, sob o titulo do — **HOMEM DO SECULO** — e sob a mesma epigrapha, suas ideas, tão livres e aproveitaveis, quanta he a fraqueza com que as pretende enunciar. Oxalá que á par deste illustre Brasileiro tenhamos a ventura de contar muitos outros, com iguaes sentimentos!

O HOMEM DO SECULO.

- Le premier devoir d'hum prince
- est de vouloir ce que veut le peuple : C'est en vain que les vieilles
- aristocracies multiplieront leurs
- efforts pour s'opposer que la ré-
- génération moderne s'accomplis-
- se! • *Napoleão em Sta Helena.*

No momento, em que a massa da população, como fatigada de esperar que se cumpram as promessas, que continuamente se lhe tem feito, (desde que foi entre nós proclamada a liberdade) de paz, de prosperidade, e de huma crescente felicidade; abandona a causa publica, e deixa franca vereda aos que tomam o leme do Estado, sem se embaraçar, se elles procuram salvar ou perder o paiz: no momento, em

que o mais desenfreado egoismo toma o passo ao patriotismo, intorpecendo assim a marcha aos verdadeiros amigos da felicidade publica: era preciso que abandonassemos a morna indifferença, em que temos todos estado mergulhados, e que procurassemos despertar o ultimo Brasileiro, brabando: » *acorda e salva a Patria!!* » Era preciso, que através das difficuldades, e obstaculos, que se experimentam, quando se emprehende entre nós a redacção d'hum periodico de qualquer côr que seja; lancassemos mão da penna para collaborar os amigos do Paiz e das intituições, que o regem. Se o amor da Patria, e de huma liberdade moderada, garantida pela lei fundamental do Imperio, não nos alimentasse; qualquer que fosse nossa capacidade intelluctual, nada poderiamos conseguir contra essa serie de entraves, que se antepoem á felicidade commum, contra a nuvem de obutres, que pastam na ruina da Patria.

O povo quer ser feliz, e para sê-lo, convem que seja livre; por quanto sem liberdade a felicidade não passaria de huma idealidade. O Principe, que já reina entre nós, e que tem de presidir aos nossos destinos, não pode, e não deve querer, senão o que o povo quer, isto he, a liberdade regulada, e garantida pelas instituições do paiz. Como

essa he a vontade do povo, como isto he o que elle quer, *em vão as velhas aristocracias*, ou as que se crearem, á despeito do art. 179, § 4.º da Constituição, *multiplicarão seus esforços para se opporem que se complete a regeneração moderna*. Os costumes publicos estão em alta; e pode-se predizer, que elles hão de melhorar gradualmente para todo o globo. A razão humana, seu desenvolvimento, o de nossas faculdades, eis ahí a chave social, eis todo o segredo do Legislador! Os que querem enganar os povos e governal-os em seu proveito, são os que podem querer reitel-os na ignorancia. O velho systema chegou á seu termo, e *redire sit nephas*.

O nosso fim pois, he sustentar a Monarchia-Constitucional Representativa, *tal qual está*, e sempre a liberdade, e as leis, que a garantem.

Não hostilizaremos o Governo, por ser Governo, porque entendemos que he preciso sustental-o, em quanto elle for nacional, isto he, em quanto respeitar a constituição, e as leis, a moral, e a liberdade; e quando houvermos de attacal-o, não o faremos sem mostrar os factos, que elle tiver praticado no exercicio do seu poder contra o justo e o honesto. E como não nos constituimos o orgão de hum partido, e somos *totalmente extranho ás outras partes da redacção desta folha, responsavel unicamente por nossas doutrinas*, teremos a franqueza de o elogiarmos quando seus actos forem disso dignos, do mesmo modo que nos tornaremos severos censores de seus erros ou crimes. Os males, que experimentamos, não nascem só da má administração, que temos tido; elles nos vem tambem, em grande parte, de nossas leis: por isso o corpo legislativo nos merecerá igual cuidado.

Como pretendemos combater todos os abusos, erros, e prejuizos, que concorrem para empecer os progressos da nossa civilização, e moral; os Cidadãos,

que nos quizerem coadjuvar em tal empresa, podem dirigir á esta typographia os seus escriptos, em carta fechada — *Ao Homem do Seculo —*, que, aproveitando-nos de seus esclarecimentos, huma vez que os dêem de hum modo decente e grave, e sem offensa ás nossas leis, os faremos publico pela maneira que melhor nos convier.

Taes são os fins a que nos propomos. Nenhum artigo nosso será publicado senão debaixo do titulo que adoptamos. Possam os nossos esforços corresponder aos nossos desejos —

O REGRESSO.

Dezenove annos se tem passado, depois que o grito de liberdade soltado da mãe-patria repercutio no Brasil, onde acolhido com fervor, produziu nos corações dos Brasileiros, emoções que só souberam sentir, e que se não pode descrever! Os dias 24 de Agosto de 1820, 10 e 20 de Fevereiro de 1821, não abalaram menos os nossos corações, não excitaram menos nosso enthusiasmo, que o dia 7 de Setembro de 1822, que poz termo á nossa tutela! He depois que tivemos liberdade, que podemos dizer: » Sejam os independentes, sejam huma Nação! . . He depois que tivemos liberdade, que podemos dizer: » Façamos hum Imperio, criemos huma Monarchia em harmonia com as luzes do seculo, huma Monarchia propria da America, que não quer, que não supporta a injuria de submeter-se ao feudalismo asiatico ou europeu, huma aristocracia sem merito, destituida do bom senso, e repelida hoje pela civilização do seculo 19! . . He depois de dezenove annos de liberdade; he depois que temos ensinado á nossos filhos á pronunciar esta palavra magica, que faz estremecer os tyrannos; he depois da abdicção de hum Monarcha, filho, e entusiasta da liberdade, mas que esquecendo-se d'ella hum momento, cavou sua

ruína, que alguns temerarios ousam alçar a voz e bradar: — *Regresso! Legitimidade!* He, finalmente, depois que a liberdade assustada em todo o Imperio, onde repousava no remanso da paz, abalada por esse grito do inferno, que veio trazer a desordem; que meia duzia de *apostas* ou *legitimistas* hasteam a bandeira do regresso e gritam: — «Anarchismos todo o Brasil, espalhemos a desordem por toda parte, confundamos tudo; pois que da desordem nasce a ordem, e digamos depois: — O povo não está capaz de liberdade; elle não tem religião, jaz na ignorancia, não tem costumes, não tem moral; e por tanto hum governo fundado em instituições livres não pode ser a partilha de hum tal povo: mas, como convem illudil-o, leval-o pelo engano, pela astucia, que he como se devem governar povos; deixaremos hum sombra de representação nacional, teremos hum camara de deputados, hum senado e assembleas provinciaes; porem que proponham, que discutam, que aprovelem o que nós dictarmos!» Proclamou-se a liberdade no Brasil, e por ella fizeram-se os maiores sacrificios; e quando ella começa a lançar os fundamentos do seo throno, estes mesmos homens, que hoje pretendem anarchizar o paiz, disseram ao primeiro imperador: — «Senhor, não creia V. M. que este povo esteja em estado de ser regido por hum governo livre, elle está bruto, convem continuar á governal-o, segundo o habito, em que se estava: dissolva V. M. a assemblea constituinte, essa escola de anarchia, e governe, como até agora; o povo tem enthusiasmo por V. M., elle não quer senão independencia, e seja V. M. a constituição.» Enganado o joven e por tanto inexperto monarcha, acquiesce ás vozes de taes sereias, dissolve a assemblea, deporta os authores da independencia, os melhores servidores de sua Patria, e quando crê que está forte, vê desappa-

recer para sempre humas das nossas mais brilhantes estrellas, e põe-se á braços com a republica do equador, que se desfez na presença do novo Código jurado e proclamado no dia 25 de Março de 1824. Desde então reinou entre o povo e seo monarcha hum desconfiança tal, que não pôde mais achar termo, senão no dia 7 de Abril de 1831.

Abalada a monarchia com a abdicção do primeiro imperador; convulso o paiz pela falta de organização conveniente á machina social, que se devia ter julgado desfeita com o Monarcha, com que se ella havia formado, convindo então ter dado por finda a constituição, e confeccionar outra em harmonia com o sentimento da maioria da nação: tiveram as facções extremas de pôr-se em campo, proclamando hum *democracia*, e outra *restauração*. O bom senso da nação abraçou os principios de ordem, e repelio os anarchistas, que procuravam dar-se as mãos ao depois para á titulo de republicanos afugentar os verdadeiros amigos do paiz, e disputar-lhes o poder, a força publica, de que ficaram de posse desd'o memorando dia 7 de Abril de 1831, até o funesto, e luctuoso 19 de Setembro de 1837.

Alguns homens despeitados, outros especuladores, e muitos mais sem patria, e sem coração capaz de sentir as doces emoções, que se experimentam quando se pronuncia — *minha terra* — capitaneados pelo author da — *Carta das Liberdades Brasileiras* — o pae putativo de todas as desordens do Brasil, o anarchista mór do Imperio; gritaram por todo o Brasil *Regresso! Regresso!* Desfaçamos a obra de 19 annos; digamos ás nações civilisada do globo, que na escala dos homens — nós occupamos alguns grãos abaixo dos negros do Haity, que tem sua constituição dada pelo author da sua independencia, que foi mais feliz, do que o augusto author da nossa, o immortal D. Pedro I!

A' vista de huma tal proclamação, he preciso que os homens livres, que os verdadeiros amigos da Patria, e portanto da monarchia constitucional, dessa monarchia americana, que nos foi legada pelo angusto fundador do imperio, bradem com força: — *Brasileiros, á lerta!* vossa liberdade está ameaçada, vossa dignidade está aviltada, vós ides deixar de ser huma nação livre e independente; os vossos foros estão em risco... *á lerta*, e unidos rasgae essa vil bandeira do *Regresso*, e confundi os bandidos, que ousam hasteal-a!...

Nós voltaremos ao *Regresso*, e n'essa occasião trataremos da moção do Sr. Senador Lopes Gama, que, por este modo proclama ao paiz que o governo tem terminado sua carreira politica; e que está sem constituição e sem leis, para poder continuar a governar a nação que d'elle havia confiado.

O HOMEM DO SEculo.

Sendo a nossa folha a unica que na presente lide (não fallamos nas diarias) usa com imparcialidade da faculdade constitucional de exprimir os pensamentos, justo he que façamos chegar ao conhecimento d'aquelles que ignoram, ou convem-lhes fazerem-se ignorantes do que se passa mesmo entre nós, mesmo á face do Monarcha, tudo quanto sabemos respeito aos destacamentos dos briosos guardas nacionaes na corte.

Huma medida legislativa foi tomada, e por consequencia sancionada pelo governo, respeito aos destacamentos dos guardas: ahi se marcou para elles o prazo improrogavel de *dous mezes*. Em virtude desta promessa, *promessa valiosa do governo e das camaras*, os Nacionaes lavradores sem hesitar se prestam ao chamado das authoridades; esquecidos de que governos passados faltaram a tudo quanto prometteram, e pelo que se comprometteram á este respeito, deixam suas esposas e filhos,

suas casas e lavouras, seus amigos e parentes, seus negocios e relações o vem, pela simples, e ás vezes injusta escolha de imprudentes e parciais *Designadores*, dar huma prova de sua obediencia ás authoridades da corte, para quem só valem os habitadores do campo, a classe mais poderosa do Brasil; no momento em que particulares conveniencias os fazem mendigar com *indignas bajulações* a preferencia de hum voto. É o que se tem feito? Quem vela sobre essa porção de Brasileiros longe de suas maiores conveniencias? Ninguem, em huma palavra. Tratados como assalariados, faltos de todos os recursos, tendo certeza apenas dos artigos do regulamento que se lhes lia diariamente (o que ha poucos dias mandou-se suspender) elles permanecem na corte 3, 6, e mais mezes contra todas as disposições da lei. Victimias da epidemia das *bexigas*, são amontoados nas insalubres enfermarias do campo, onde alguns tem morrido, sabe Deos como, e porque; e muitos la se conservam faltos talvez de recursos necesarios, quando ás vezes mesmo com elles a medicina mostra impotencia, e o medico desespera de ser medico. Mas suppor-se-ha acaso, que até mesmo nisto deixem de haver afillhados e padrinhos? Não, o patronato invade todos os logares, despreza todas as considerações, e apparece em todas as fileiras. Si os officiaes dos destacamentos tem amigos, os destacados, logo depois dos dois mezes se retiram; porem se não tem por si as *figuras* que frequentam os salões, como tem acontecido aos guardas de S. João, de Araruama, de Capivari, Cabo-frio, Cantagallo etc., todos os recursos lhes fallecem, e elles não tem mais que lamentar a fraqueza das authoridades, na falta de suas promessas, até n'aquillo que he insignificante e de sem compromettimento; até naquillo a que se vêem obrigados por lei.

He á vista de exposições feitas por

guardas nacionaes, lavradores, pobres sim (porque os ricos cá não vem) mas honrados, mas moralisados, mas obediêntes, que traçamos estas linhas, esperando que ellas chegarão ao conhecimento d'aquelles á quem compete curar de suas necessidades. Attendendo-se ás queixas de tantos Brasileiros, de quem nos constituimos orgão desinteressado, cumprindo-se a seos respeitoos que a lei exige, se os ensinará a serem amantes de seos superiores (de quem até se vêem privados, sujeitos a officiaes de linha, destacando para fortalezas sob mando até de inferiores tambem de linha), a darem a força moral de que o governo agora mais que nunca necessita; deixando-se os em orfandade, elles levarão a seos camaradas a triste nova de seos padecimentos!.. E quem sabe! E quem sabe que impressão produzirá n'elles taes lamentaveis historias! Senhores, he tempo de se cumprir o que se promete ao povo; he tempo de executar-se o que as leis ordenam; não se trate somente de interesses privados, e de regresso; não he mais tempo de destruir o que se acha feito, apesar de pouco consolidado; sem vos mostrardes Brasileiros honrados e distinctos, em vão chegareis aos fins a que vos propondes; em vão se angariará... Não levantemos o veio que encobre em parte o melancolico quadro que o Brazil apresenta neste momento; não antecipemos temerarios juizos, apesar do que se acha esboçado; não nos ponhamos na dura precisão de bradar como valente atalaia — Alerta!.. Alerta!.. Que o veio do futuro está roto!...

CHRONICA DOS SALÕES.

O Bacharel de Berlim expulso de hum baile.

Os salões da capital se tem occupado n'estes ultimos dias com a aventura succedida ao Bacharel de Berlim no baile de hum dos nossos ministros.

Sabe-se, que o *Berlim* com a sua imprudencia e sem-ceremonia habitual introduz-se em todos os bailes, sem ser convidado; he hum pesado infallivel, que se tem de supportar, bom ou mau grado. No baile de sabbado p. p., que deo o Sr. C. B., vio-se despontar na sala o *Berlim*, roendo as unhas, e fazendo as mais grotescas momices: immediatamente signaes de displicencia manifestaram-se no semblante de todos os circunstantes; cessaram as contra-danças; interrompeo-se a musica; e todos retiraram-se para a sala proxima á aquella, em que ficou o *Berlim* isolado. Começou então hum murmurio da parte dos membros do corpo diplomatico, que disiam entre os dentes » *à la porte le gamim, — à la porte le petit polisson!*

O Sr. C. B. apressou-se então a mandar significar ao *Berlim*, nos termos os mais polidos, que a sua presença ali tinha inconvenientes, e que assim esperava da sua delicadesa que houvesse de tomar o caminho da porta da rua. Em vez, porem, de annuir a esta amigavel intimação, o *Berlim* como hum possesso poz se a gritar » — *estou na estacada; sou advogado; como deputado da assemblea legislativa da minha provincia não cêdo á ninguem; vou estigmatizar a todos, a quem desde ja desafio para hum combate singular.*

E logo depois parodiando burlescamente as celebres palavras de *Mirabeau*, o *Berlim* terminou dizendo: — *estou aqui pela vontade do povo, e d'aqui me não arrancarão senão pela potencia das baionetas* — *à la porte l'imbeci!*

Para a porta da rua o maluco! Tal foi o grito geral dos diplomatas, e tal arenga do *Berlim*, que nesse momento achava-se muito satisfeito de si mesmo, quando outros se envergonhavam por elle até a medulla dos ossos.

Em fim, o Sr. C. B. para pôr fim a esta scena tão desagradavel, intimou-lhe segunda vez, que, se immediatamente se não retirasse, seria obrigado

recorrer a meios extremos. Então foi-se o *Berlim* escafedendo, mas sempre fallando em *estacada*, em *deputação* provincial, ao que os circunstantes respondiam—Para a rua o *Dr.-Meia-cara*.

Nenhuma especie de desculpa tem por certo aquelles, que se indignaram com a curiosa rapsodia, que ao ministro de S. M. Fidellissima acaba de dirigir o bacharel de *Berlim*. Sim, a colera deixa de ser permittida, quando hum escripto, qualquer que seja a sua licenciosidade, traz a rubrica do Sr. P. da Silva; então, o riso, só o riso, pode ter cabimento. He este hum glorioso prolegio, de que desde muito aquelle Sr. se acha de posse plena, depois das mil e huma palhaçarias, com que tem divertido o publico desta capital. Si a qualquer individuo, mesmo da mais mediocre consideração, devesse-se attribuir essa carta, que appareceo estampada no *Jornal do Commercio* da semana passada, o publico profundamente estranharia, que com tamanha brutalidade, e indecencia, se abocanhasse o representante de huma nação estrangeira, que tem direito á todos os acatamentos, como he de uso entre os povos civilizados. Mas huma carta escrita pelo gamenho *Berlim!*.. Oh!.. Pode-se rasoavelmente tomar em serio semelhante producção? Não se lhe devia antes deixar explorar pacificamente os pequenos proveitos d'este escandalo?

O Sr. P. da Silva cuidou, que visto ser o mundo propriedade sua, pelo direito que lhe garante a impavidez da sua frente, podia erigir-se burlescamente em juiz supremo da conducta diplomatica dos ministros estrangeiros. Sem duvida, o caso he tão extravagante como risivel; e nem o Sr. P. da Silva nota, que lhe dão vaias de todos os lados; a sua vaidade pueril e absurda, o impede de ouvir o publico, que lhe está dizendo: — Menino, graduado em comedias e romances eroticos, não sabes

o que dizes nem o que fazes; tanta ousadia, e charlatanismo, ja enjoam os homens serios e honestos, que bem veem que *procuras para ti* quando fallas de sentimentos de humanidade; o ameaço de combater na *estacada* como deputado provincial os diplomatas, só serve de te dar ares de ouvi ridiculo *Quixote*, aos olhos de todos. Menino! entra na posição, que te compete; vai estudar, não exclusivamente comedias e novellas, que te viram a cabeça, fazendo-te sonhar com *estacadas*, *combates contra os diplomatas*, e outras taes e quejandas parvoices; porem tambem os bons livros que te inculcarão os habitos da modestia e da civilidade, e dar-te-hão, pela instrucção, o conceito, que na ausencia d'ella procuras hoje obter pela impostura, e o arrojo. Menino! vê, que o moço, que nada respeita, he huma flor sem perfume; e só pode inspirar o mais profundo desprezo. Não sirvas, sobretudo, de cego instrumento á quem conhecendo a tua *fimes auri*, açula-te por traz dos bastidores para em defeza dos *traficantes de meias-caras* desacatar calumniosamente hum diplomata respeitavel, que para cumprir os seus deveres não espera de certo as admoestações de hum menino.

CORRESPONDENCIAS.

Sr. Redactor. No *Jornal do Commercio* de 29 de Julho, se bem me recordo, vi huma declaração (que parecia propria de hum protestante, ou d'algum catholico arrenegado, si não viesse assignada)!.. cujo author, nenhum meio achou mais para affiançar sua palavra ao redactor, ou para garante de sua singular conducta, senão os *seos deoses penates!* oh! deoses penates por aqui? (he forte asneira)! ora passe mais essa!

Julgando que me havia enganado, torno a ler a declaração, e qual não he minha admiração, quando deparo com o nome de hum cidadão brasilei-

ro, que, contra a sua religião e a do imperio, autenticava huma tal heresia! Ainda suppuz-me no engano; e, querendo tirar-me delle, verifiquei que com effeito era hum Sr. Dr. o que acabava de dizer » JUNO AOS MEOS DEOSSES PENATES &c. &c.! » (*tal devoto, tal crença!*)

Que bichos serão estes, Sr. Redactor? Com quanto me pareça asneira quadrada, não me fará a caridade de dizer ao certo o que he, para minha instrucção? Se isto fosse dito por hum impio, herege ou pagão, eu tratava de resto; porem, sendo-o por hum homem de letras, e por hum medico que goza do foro de cidadão brasileiro!.. Confesso-lhe que mereceu-me tanta attenção, que, dando tratos á imaginação, exclamei comigo mesmo! He possível que os que me criaram, sabendo ensinar-me que não ha se não hum só Deus verdadeiro, tivessem a maldade de me entregarem á surpresa com que me fazem saber hoje que ha mais outros, e com pennas? como sou infeliz! Até para minha desgraça, heide morrer sem ver os *deoses penates* do tal doutorinho?!

Ora diga-me, Sr. Redactor, nem ao menos poderei saber ja quantos são? (como não hão de ser tao bonitinhos com as azas abertas e as pennas arripiadas)! oh raiva! pois não se hade verificar, a meu favor, o adagio dos antigos » *quem mais vive mais vê* » quando pude achar complectamente provado (na tal declaração) o judicioso rifão que minha avó repelia-me cotidianamente, » *quem muito falla muito erra?* » Paciencia! será o que O MEO DEOS quizer!

Acredite-me, Sr. Redactor, que tenho tanta vontade de conhecer os *taes deoses penates*, como creio que elles não existem: e si os ha, quero subir da duvida em que estou, porque penso que não hade ser nenhuma coruja, orubú, nem gavião, e sim alguma *aguia perdi-*

da da baralha, que, por cahir de muito alto, tomaram por vinda do ceo... Ah! se me pudessem caçar huma dellas para o meu Dominginhos *phrenológico*! He as garras, ou o tupete aponevrotico! Ao menos o tiravam do engano em que está, desdo que leo tambem o tal jornal!

Sr. Redactor, era este o melhor favor que podiam fazer-me, porque sendo este menino tão catholicosinho, depois disto, ou depois que se metteo com a tal *phrenologização*, está com a cabeça perdida, e faz pena o ouvir-se-lhe!... » Quero gloria, e mais gloria; o J. B. igual a G. não me hade fazer estudar mais do que ja sei; tenho sete votos seguros; nada, eu não posso mais perder; a força maior vence a menor; 3 e 2 são cinco; muitos deoses valem mais do que hum só; o verdadeiro, he o que eu digo e mostro.» Eis as ideias dominantes delle! Coitadinho! Não he huma lastima, Sr. Redactor? O Sr. tambem tem filhos, e por isso hade aconselhalo bem; diga-lhe por piedade, que não ha *deoses penates*, e que a tal *phrenologia* o hade levar para o inferno! Faça com que elle não nutra por mais tempo *taes ideias*, porque o hão de levar tambem ao materialismo, ao atheismo, e por fim á perversidade em que acabam todos os que assim principiam!

Olhe, Sr. Redactor, faça-me este obsequio, porque o meo Dominginhos he muito bom menino, e ainda *pode fazer serviços ás sciencias todas*, á patria como *optimo deputado* que quer ser, e á nossa crença religiosa! Applique-lhe o remedio da sua folha, que o effeito será certo, e como espera o seo obrigado leitor

O Golfinho. p3
1

Pedem-nos, por ter particular sentimento, a publicação seguinte.

Sr. Redactor. — He falso, he falsissimo, eu nunca tive filhos! Misericor-

dia! He huma calumnia, hum tremendissimo aleive!... Escute o caso, Sr. Redactor, escute por piedade: eu estava muito doente; devia tomar remedios; mas votei sempre antipathia, ou antes huma particular zanguinha aos medicos, boticarios e suas mixordias: foi onde me perdi, e para sempre. O' vinho enganador, quanto me regalavas, e que damnos me causaste? Quanto mais lisongeiro he o amigo, mais pernicioso he á nossa regra de conducta! He huma verdade que tenho ca aprendido com os nossos sabios. Si eu tomasse então o çumo de ortigas não seria condemnado a vagar hoje no reino das sombras. Porem, como hia dizendo, eu estava muito doente, e meo compadre R instou-me para que em sua casa tivesse o tratamento que me convinha, e eu nisso consenti: um tratante porem, que tudo presenciou, deo-se a galope, e trazendo-me huma cadeirinha, persuadiu-me que meo compadre R me mandava buscar. Eis-me dentro da tal capoeira, correndo as ruas da cidade, e por fim mergulhado dentro de huma casa a sós com huma tarasca de mais de 56 annos, a quem respeitoso lhe dei o nome de mãi, que melhor lhe competia o de avó. Que martyrios! Remedios para morrer, quantos tomei! Mas a natureza lutava, e não cedia. Hum dia, em que eu apenas tinha forças para arquejar, pelo grande peso que no estomago supportava, lobrigo a custo hum sacerdote, que me propunha de casar com a tal avozinha do seculo passado, e de a vir esperar onde hoje habito. Ah! não pude supportar! De todos os remedios este foi o mais violento. Eu amaldiçoei os authores da minha tragedia, e morri.....

Oh meo Deos! E como se diz ahi nesse mundo, que huma velha me dera huma filha, e que eu fôra assistir o seo baptismo? Eu, que nessa occasião lutava a braços com a morte, que me tinha sido mandada de encomenda, eu

ir á Igreja? l.. Não se vê claramente o ridiculo da farça? Si eu fosse hum homem pobre acharia por ventura huma nova Sara, que tão fecunda me dêsse huma filha conhecendo-a eu somente cinco dias antes da minha morte? Só por milagre de S. Apolinario!...

O que sei, Sr. Redactor, he que se pleiteia e fortemente para impossar-se dos meos bens que la deixei a essa engeitada de pai e mãi. São estas as noticias que por ca correm; e por tanto declaro mui formalmente, que o picaro que me conduzio na cadeirinha agatou-me as chaves, tirou-me o testamento, querendo assim pagar-se caro da viagem que me mandou fazer. Culpa porem teve o Juiz de Paz, que de tudo inteirado, contentou-se apenas em obrigar-o a dar o testamento, e não lhe deo o merecido castigo. Si eu ainda resuscitasse, poria tudo em pratos limpos; mas não posso, a dóze foi excessiva. Adeos até o dia de Juizo. Declare, Sr. Redactor, declare tudo, e livre-me de ser pae depois de morto.

A alma do Bernardo.

A.—Porque diz o Papeleia que desflorou a innocente de 7 annos, que o Sr. Souza e Almeida dera dous contos á mãi da infeliz para esta o accusar?

B.—Porque o Sr. Souza e Almeida, quando Juiz de Paz do 3.º districto do Sacramento, tendo-lhe tirado do seio hum testamento que elle havia occultado, o não mandou para a cadêa.

A.—Se assim he, tem razão. Quem deixa hum crime impune, abre a porta a mil, e he accusado pelo mesmo criminoso.

Vale.

— Dizem que o Sr. C. B. não podendo saber do embaraço em que o pôs a carta do *Miphistopheles* de Berlim, pedira a intervenção de seus collegas, ao que elles não annuiram, por não terem sido contemplados na *capacidade ministerial* da Ortiga N. 1. He bem feito!!